

A difusão do *você* pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX

The spread of você through carioca and mineiro social structures in the 19th and the 20th centuries

Recebido em 09 de maio de 2015. | Aprovado em 16 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.172>

Célia Regina dos Santos Lopes¹
Márcia Cristina de Brito Rumeu²

Resumo: Neste trabalho, busca-se discutir a produtividade das estratégias pronominais de referência ao sujeito de 2ª pessoa do discurso e os tipos de relações sociais travadas entre remetente e destinatário em missivas cariocas e mineiras oitocentistas e novecentistas. O foco deste estudo são os tipos de relações sociais que parecem condicionar a frequência de uso das estratégias pronominais de 2ª pessoa no Brasil à luz da Teoria do Poder e da Solidariedade pensada por Brown e Gilman (1960). De uma forma geral, nas missivas cariocas e mineiras caracterizadas pelas relações sociais simétricas e assimétricas, observou-se a difusão do *você*, parecendo já sedimentar a semântica da Solidariedade no Brasil novecentista.

Palavras-chave: variação *tu/você*; mudança linguística; sistema pronominal; segunda pessoa; relações sociais simétricas e assimétricas.

Abstract: This paper seeks to discuss the productivity of the pronominals strategies for using the 2nd person in speech (*tu* and *você*) and types of social relations between sender and receiver locked in 19th century and 20th century in letters produced writings by *cariocas* and *mineiros*. The focus of this study are the kinds of social relations that seem to constrain the frequency of use of strategies pronominal of the 2nd person in handwritten letters in the Brazil to the Theory of Power and Solidarity thought by Brown and Gilman (1960). To sum up, the results present the prevalence of the subject *você* in social relations symmetric and asymmetric of the *carioca* and *mineiro* letters already looking to settle the semantics of Solidarity in the *nineteenth-century* Brazil.

Keywords: variation *tu/você*; linguistic change; pronominal system; second person; social symmetric and asymmetric relations.

¹ Professora Associada de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. celiar.s.lopes@gmail.com

² Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. marciarumeu@uol.com.br. Este trabalho está vinculado ao Projeto "Aspectos morfosintáticos da escrita culta em cartas brasileiras" subsidiado pela FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), Processo nº APQ-01788-13, Demanda Universal.

Introdução

Na realidade atual do português brasileiro (doravante PB), as formas *tu* e *você* coexistem como pronomes de referência à 2ª pessoa do discurso (doravante 2P), cf. já revelado pelas pesquisas sociolinguísticas, mais especificamente, pelos trabalhos sintetizados por Scherre *et al.* (2009), que evidenciaram a diversificação pronominal não só diatópica, mas também sociointeracional. Nessa perspectiva, Scherre *et alii* (2009) explicitam, através de uma esclarecedora súmula dos estudos da alternância *você/tu*, a produtividade sincrônica de seis subsistemas tratamentais no PB que, à luz de Lopes e Cavalcante (2011, p. 39), foram sistematizados (cf. quadro 1) em três subsistemas: (I) o subsistema de *você*, (II) o subsistema de *tu* e (III) o subsistema da alternância *você/tu*.

Subsistema/Região	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Nordeste	Norte
(I) <i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	
(II) <i>Tu</i>			<i>Tu</i>	<i>Tu</i>	<i>Tu</i>
(III) <i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i> (DF)	<i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>

Quadro 1. Distribuição dos três subsistemas dos pronomes pessoais de 2P pelas regiões brasileiras proposta por Lopes e Cavalcante (2011, p. 39 adaptado de SCHERRE ET ALII. (2009)).

Considerando a disseminação do *você-sujeito* por todas as regiões do Brasil, ainda que não se desprezem os usos do *tu* com índices variáveis de concordância, cf. exposto por Scherre *et al.* (2009), justifica-se que o objetivo principal deste trabalho esteja voltado para a descrição analítica dos graus de parentesco e/ou dos papéis sociais assumidos pelo remetente e destinatário das missivas cariocas e mineiras com base na análise da produtividade das formas pronominais *tu* e *você* à luz da Teoria do Poder e da Solidariedade, cf. Brown e Gilman (1960). À luz desse objetivo principal, parte-se do princípio de que a função sintática de *sujeito* representou o principal encaminhamento assumido por pronomes gramaticalizados como o *você* e o *a gente*, ao se inserirem no sistema pronominal do PB, como já averiguado em estudos diacrônicos do PB (cf. RUMEU, 2013; SILVA, 2012; SOUZA, 2012; LOPES; CAVALCANTE, 2011; VIANNA, 2011). Especificamente em relação à história de inserção do *você* na variedade brasileira do português, assume-se que, entre os anos 20 e 45 do século XX (1920-1945), cf. Rumeu (2013, p. 265), o *você* se firmou como pronome de 2P em alternância com o *tu*, principalmente, nos contextos sintáticos de *sujeito* e *complemento preposicionado*, como também verificado por estudos alicerçados em variados *corpora* históricos do PB (cf. MACHADO, 2011; LOPES; CAVALCANTE, 2011). Ao considerar que sincronicamente a alternância *tu* e *você*, cf. discutido por Santos (2012)³, prevalece no Rio de Janeiro, por outro lado, em Minas Gerais, a referência ao sujeito de 2P se faz majoritariamente pelo *você* (*ocê* e *cê*)⁴, cf. Peres (2006, p. 131), Mota (2008), justifica-se que o enfoque desta análise esteja voltado para a análise de missivas cariocas e mineiras desde a segunda metade do século XIX até a segunda metade do século XX. Assim sendo, as questões motivadoras desta investigação são as seguintes: (I) Em que nível de variação o *você* e o *tu* estavam na produção escrita de cariocas e mineiros dos séculos XIX e XX?; (II) Quais tipos de relações sociais subsidiariam a produtividade do *você* nas cartas cariocas e mineiras oitocentistas e novecentistas? A hipótese principal é a de que o pronome *você* ocorreria como estratégia predominante em relações de inferior para superior (assimétricas ascendentes) pelo fato de tal forma ter herdado do tratamento nominal *Vossa Mercê* seu caráter indireto e atenuante, marcando respeito ou distância social. Assumindo como ponto de partida os subsistemas tratamentais atualmente vigentes no Rio de Janeiro (*tu* ~ *você*) e em Minas Gerais (*você*), cf. discutido por Lopes e Cavalcante (2011) com base em Scherre *et alii* (2009), bem como essas questões motivadoras, conjectura-se a hipótese de que, já na escrita de sincronias passadas do PB, seja possível detectar vestígios desses atuais subsistemas tratamentais.

Este texto está organizado em seis seções. Nas considerações iniciais, apresenta-se o fenômeno variável *tu/você*, tendo em vista o ponto de partida (a análise de Lopes e Cavalcante (2011) à luz de Scherre *et alii* (2009)), o objetivo principal, as questões motivadoras e a hipótese principal. Em seguida, expõem-se os pressupostos teórico-

³ Com base em gravações ocultas de conversas produzidas em distintos bairros do Rio de Janeiro (centro, Tijuca (zona norte) e Campo Grande (zona oeste), a frequência de uso do *tu* com ausência de concordância na forma verbal é de cerca de 20%.

⁴ Segundo Peres (2006), no ano de 2002, em Belo Horizonte, o “*você*” esteve com 23,5% (342/1453), o “*ocê*” com 3,9% (56/1453) e o “*cê*” com 72,6% (1055/1453).

metodológicos da sociolinguística histórica (cf. ROMAINE, 2010; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2014) e os princípios da Teoria do Poder e da Solidariedade (cf. BROWN; GILMAN, 1960) que conduziram esta análise. Na sequência, apresentam-se os *corpora* de missivas cariocas e mineiras, divulgam-se e discutem-se os resultados gerais acerca do espriamento do *you-sujeito* e das relações sociais que subjazem o seu uso. Por fim, chega-se, nas considerações finais, a algumas generalizações acerca da produtividade do *you-sujeito* no PB em relação aos papéis sociais assumidos pelo remetente e destinatário das missivas mineiras.

1. Os pressupostos teórico-metodológicos: a sociolinguística histórica e a dinâmica das relações sociais

1.1 - Alguns pressupostos da sociolinguística histórica em foco

A mudança categorial desencadeada no *vossa mercê* (forma nominal de tratamento) até originar o *you* (forma pronominal de 2ª P) foi caracterizada pelo gradualismo da mudança, cf. Hopper (1991), suscetível à recuperação das suas etapas (*transition problem*, cf. Weinreich *et alii* (1968)). O caráter híbrido do *you* foi detectado na era oitocentista do PB, visto que se mostrava produtivo não só na produção escrita da elite letrada brasileira em relações de amizade⁵, mas também na produção escrita de letrados em relações mais cotidianas⁶. Parece ser conflitante o fato de o *you* ser profícuo tanto nas relações de amizade travadas no interior dos grupos socialmente prestigiados, quanto nas relações familiares mantidas entre avós e netos na intimidade da vida familiar brasileira. Ao tentar compreender esse aparente conflito, observa-se que a mudança categorial em análise (*vossa mercê* > *you*) passa pelo fato de o tratamento-fonte *vossa mercê* divergir do produto final *you*. Trata-se de um processo de mudança motivada, sobretudo, pela reorganização da sociedade portuguesa, cf. Cintra (1972), até o *you*, em convivência com o *tu*, atingir, em níveis variáveis, distintos espaços do território brasileiro, cf. observado por Scherre *et alii* (2009). A dinâmica dos processos de variação e mudança norteadoras da história de formação e de reorganização do sistema pronominal do PB justifica que se busque respaldar a análise linguística da variação *tu* e *you* nas relações sociais travadas entre os escreventes das missivas analisadas. Ao entender que as línguas humanas são movidas pela variação, assume-se que a realidade linguística heterogênea, plural e polarizada do PB, cf. Lucchesi (1998, p. 74), pode ser apreendida à luz de parâmetros e metodologia científicos. O panorama de heterogeneidade ordenada permite a descrição, à luz da Teoria da Variação, das condições que licenciam ou bloqueiam as formas linguísticas alternantes *tu* e *you*. A percepção da influência dos fatores sociais relevantes à aplicação da regra variável (*tu versus you*) se dá através do programa *Goldvarb* (2001)⁷, cf. Robinson *et alii* (2001), responsável, de modo geral, não só por tratar estatisticamente os dados, mas também por mensurar o grau de significância das variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam a variabilidade do fenômeno linguístico. Concentrando esforços especificamente no tema em discussão, os condicionamentos sociais da variação *tu* e *you* na escrita mineira oitocentista e novecentista, convém esclarecer que, para esta reflexão, a produtividade do *you* em suas estruturas sociais no decorrer da 2ª metade do século XIX e do século XX, serão discutidos em termos de frequências de uso. Isso que dizer que os dados de *tu* e *you* foram quantificados e submetidos ao pacote de programas *Goldvarb* para o cálculo de seus índices percentuais, orientados pelas diretrizes metodológicas da pesquisa sociolinguística quantitativa de base Laboviana, cf. Mollica e Braga (2004), Guy e Zilles (2007). Consciente do fato de que as estatísticas por si só não interpretam isoladamente o avanço ou retrocesso de um dado fenômeno linguístico em variação, cf. Scherre (2012), entende-se, por outro lado, que as frequências absolutas das estruturas sociais que subsidiavam os usos das formas *tu* e *you* já podem fornecer evidências acerca do nível do encaixamento social da inserção do *you* no quadro pronominal do PB.

Ainda que a Teoria da Variação seja a perspectiva teórica fomentadora deste trabalho há de se atentar ao fato de que o tratamento dos dados de sincronias passadas de uma língua humana requer que o linguista-pesquisador volte o foco de sua análise para o "problema dos filtros" que, por sua vez, se constituiu como uma inquietação legítima tanto aos estudos de língua escrita, quanto aos de língua falada, cf. Romaine (1985 *apud*

⁵ Os testemunhos da elite letrada brasileira se deixa evidenciar através das cartas-diário da Condessa de Barral ao imperador D. Pedro II, cf. Soto (2007); das cartas trocadas entre os amigos baianos Rui Barbosa e José Marcelino (senador e governador da Bahia), cf. Menon (2006), representantes da elite política; das cartas da missivista mineira Maria Guilhermina Penna, casada com o ex-presidente da República Affonso Pena, ao tratar o filho Affonso Penna Júnior, por *you*, sobretudo, ao atingir a velhice, cf. Pereira (2012).

⁶ Os testemunhos de uma escrita epistolar cotidiana estão representados nas relações travadas entre a vovó Bárbara Ottoni – redatora mediana nos termos de Barbosa (2005, p. 40) – e os seus netos; bem como entre o vovô Pedreira, Secretário do Supremo Tribunal Federal por 21 anos (entre 1877 e 1898), cf. Rumeu (2013, p. 65) e os seus netos, tratando-os também por *you* no Brasil oitocentista.

⁷ Trata-se do Programa Varbrul (VARiABle RuLe, cf. SANKOFF, 1988) para o ambiente Windows.

LOBO, 2001, p. 99). Faz-se necessário atentar aos possíveis entraves do trabalho com dados de sincronias passadas tais como os diagnosticados por Labov (1994, p. 11): hipercorreção, mistura dialetal e "erros" do escriba. Questões como a *autoria*, a *autenticidade*, a *validade histórica* e *social* do documento são discutidas por Hernández-Campoy e Schilling (2014, p. 63-79) no sentido de primar, pela reconstrução histórica do contexto de produção do documento escrito. Nesse sentido, análises linguísticas na perspectiva diacrônica acabam por se deparar com o processo de construção de amostras de realidades linguísticas pretéritas que se mostraram resistentes à ação do tempo no interior dos arquivos, cf. discutido por Labov (2004), Conde Silvestre (2007). Dessa forma, legitima-se que o linguista-pesquisador assuma o presente como ponto de partida para a reconstrução do percurso trilhado pela mudança no intuito de desvelar a realidade histórica de sincronias passadas e de compreender a atual sincronia do PB, seguindo os princípios da sociolinguística histórica, cf. Romaine (1982), Lobo (2001), Conde Silvestre (2007), Hernández-Campoy e Conde Silvestre (2014). Cabe ao linguista-pesquisador empenhar-se no refinamento metodológico da análise de textos antigos com o intuito de identificar não só os traços específicos do vernáculo do PB, mas também os traços linguísticos idiossincráticos do autor do manuscrito, cf. discutido por Rumeu (2013, p. 111). Seguindo essa perspectiva de trabalho, Rumeu (2013, p. 111-118), ao trabalhar com a análise de dados de *tu* e *você* nas eras oitocentista e novecentista do PB, organizou os seguintes procedimentos metodológicos: (I) constituiu *corpora diacrônicos*; (II) confeccionou conservadoras edições de tais *corpora* históricos; (III) manteve a sua preferência por manuscritos certificadamente autógrafos; (IV) (re)construiu o perfil social dos informantes, controlando as categorias sociais de gênero e a faixa etária.

Com base nos resultados das análises acerca da variação *tu* e *você* no PB (cf. RUMEU, 2013; SILVA, 2012; SOUZA, 2012; LOPES; CAVALCANTE, 2011), o levantamento dos dados de tais pronomes se deu a partir da sua submissão às categorias linguísticas (*estruturais*) e extralinguísticas (*sociais*). No que se refere às categorias linguísticas e sociais, analisaram-se os dados em relação aos seguintes grupos de fatores: (I) as formas do paradigma de *tu*, do paradigma de *você* e do paradigma de *vossa mercê* aos quais os dados estavam vinculados como evidência da variável dependente; (II) a forma pronominal concretamente realizada (*tu pleno* ou desinencial, *você*, *vossa mercê*); (III) a função sintática (sujeito pleno, sujeito nulo, sujeito imperativo de 2P, sujeito imperativo de 3P); (IV) a forma de tratamento específica na função de sujeito de 2P (carta de *tu-suj.*, carta de *você-suj.*, carta de *tu* e *você* (mista), carta de *vossa mercê-suj.*); (V) o gênero do missivista (masculino e feminino); (VI) a faixa etária missivista (jovem (14-30), adulto (31-50), idoso (acima de 50 anos)); (VII) o período; (VIII) as relações de parentesco dos missivistas (pai-filho, mãe-filho, filho-mãe, afilhado-padrinho, tio(a)-sobrinho(a), sobrinho(a)-tio(a), irmão-irmã, irmã-irmã, irmã-irmão, irmão-irmão, entre primos) e (IX) o subgênero da carta mineira de circulação privada (familiar, amizade ou amorosa). Ainda que se tenha controlado diversificados fatores internos e externos, optou-se por expor, neste trabalho, tão somente os resultados relacionados à produtividade das formas pronominais *tu* e *você* nos eixos do tempo e das relações sociais.

Considerando que o controle do perfil social dos informantes perpassa também pelo controle das dinâmicas sociais estabelecidas entre os missivistas, passa-se a uma breve exposição acerca dos pressupostos da Teoria do Poder e Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960).

1.2 - As formas pronominais e a teoria do poder e solidariedade

Brown e Gilman (1960), no texto *The pronouns of power and solidarity*, assumem que traços da organização social de uma dada comunidade linguística podem ser revelados através do emprego das formas pronominais de referência a 2P do discurso. Conforme conjecturado por Brown e Gilman (1960), a diferença entre as formas *tu* e *vós* era estabelecida em latim pela oposição entre singular e plural. No século IV, a referência respeitosa ao interlocutor se dava pelo *vós*, evidenciando metaforicamente, através da noção de pluralidade implícita, a semântica das relações de Poder. Nesse sentido, a semântica do Poder se manifesta nas relações interpessoais por meio do assimétrico e não recíproco *vous*, ao passo que, nas relações sociais assimétricas, o interlocutor superior se dirige ao seu interlocutor hierarquicamente inferior por *tu* e é tratado por *vous*. Por outro lado, a semântica da Solidariedade é expressa através de formas de tratamento que indiquem simetria, reciprocidade entre os interlocutores⁸. O uso recíproco do pronome *tu* é o que caracteriza esse tipo de relação interpessoal distensa. No entanto, é possível constatar o uso recíproco da forma de tratamento *vous* entre os interlocutores, sugerindo que as relações travadas entre iguais da classe alta sejam movidas pela Solidariedade.

⁸ Os autores opõem *tu* a *vous* utilizando o francês como referência, embora as línguas humanas tenham soluções distintas para o estabelecimento das relações de Poder e Solidariedade (formas nominais de tratamento cortês, formas pronominais etc.). Entenda-se, pois, *vous* como forma de distanciamento, polidez e/ou cortesia, Poder, e o *tu* como forma de intimidade, Solidariedade.

A reinterpretação da Teoria do Poder e da Solidariedade com base em estudos de casos para o alemão, o italiano e o francês proposta por Wardhaugh (1997) permitiu que se buscasse explicar as dinâmicas das relações sociais brasileiras (mais especificamente as relações mantidas por cariocas e mineiros) na 2ª metade do século XIX e no século XX. Segundo Wardhaugh (1997), as mudanças do sistema conceptual *tu/vous* para o polido e simétrico *vous/vous* e para o mútuo e simétrico *tu/tu* se consolida em virtude da relevância da Solidariedade nas sociedades contemporâneas. De modo geral, a mudança da semântica do Poder, marcada pelo uso do *tu/vous*, para a semântica da Solidariedade, representada pelo uso do simétrico *tu/tu*, é uma transformação linguística recente. Nessa perspectiva de análise, o uso do simétrico *tu/tu* se dá quando as classes baixas ou as classes altas querem se evidenciar democráticas, como ocorreu na França com a Revolução Francesa. As sociedades modernas assumem diferentes formas de expressão das dinâmicas do Poder e da Solidariedade a partir da distinção entre as formas *tu/vous*, visto que as relações sociais não só se movimentam a favor da Solidariedade, mas também se deixam mover pela dinâmica do Poder. Assim sendo, defende-se, neste estudo, a pertinência da Teoria do Poder e da Solidariedade para a análise do emprego das estratégias de referência à 2P do discurso, em termos das relações simétricas e assimétricas ascendentes (superior-inferior) e descendentes (inferior-superior), ainda que não se deva perder de vista a complexidade das relações humanas no contexto histórico-social em que estão inseridas.

Passa-se à descrição da metodologia utilizada para a análise de dados de *tu, você* em sincronias passadas do PB.

2. A metodologia de trabalho com *corpora* históricos: as cartas cariocas e mineiras oitocentistas e novecentistas em foco

Em relação à amostra de cartas cariocas, Lopes e Souza (2015) se dispuseram a trabalhar com trezentos e sessenta e seis missivas⁹ (366) produzidas entre 1870 e 1979 por escreventes cujos perfis sociais os evidenciam como brasileiros que moravam ou mantiveram grande parte da vida e suas redes de relação social no estado do Rio de Janeiro e/ou no antigo Distrito Federal. Trata-se de missivas, em grande parte, confeccionadas por brasileiros provenientes de abastadas famílias, tais como as Famílias Brandão¹⁰, Cupertino, Cruz¹¹, Lacerda¹², Land Avellar, Ottoni¹³, Penna¹⁴ (ex-presidente da república Afonso Penna), Passos¹⁵ (ex-prefeito Pereira Passos) e Pedreira Ferraz-Magalhães¹⁶ (Secretário do Supremo Tribunal Federal no século XIX, cf. RUMEU, 2013), excetuando-se as missivas redigidas por um casal de noivos não-ilustres Jaime e Maria¹⁷, cf. explicitado por Souza (2012), ao organizar as epístolas para a exposição panorâmica da alternância *tu* e *você* no intervalo temporal de pouco mais de cem anos de produção escrita.

Com relação às missivas mineiras, este estudo está fundamentado em oitenta e nove (89) epístolas (53 cartas familiares e 36 cartas de amizade) produzidas entre 1850 e 1989. O desequilíbrio quantitativo entre as amostras de missivas familiares (53) e as amostras de missivas de amizade (36) é consequência do fato de o linguista-pesquisador voltado para estudos linguísticos em sincronias passadas do PB sempre permanecer à mercê dos textos que sobreviveram à ação do tempo. A distribuição das missivas por lapsos temporais de trinta anos (1850 e 1879 (fase I), entre 1900 e 1929 (fase II), entre 1930 e 1939 (fase III) e entre 1940 e 1989 (fase IV)) também fica prejudicada pela ausência de missivas mineiras com dados de *tu* e *você* entre os anos de 1880 e 1899. Uma vez consciente dos limites que os *corpora* impõe ao trabalho na perspectiva da sociolinguística histórica, segue o linguista-pesquisador buscando, à luz de teoria e metodologia específicas, melhor caracterizar o processo em questão (gramaticalização do *você* no PB) como uma mudança não só estruturalmente encaixada, mas também socialmente encaixada, mesmo que embasada em amostras de cartas ainda pouco equilibradas (cf. RUMEU, 2012; RUMEU, 2013).

⁹ Consultar Souza (2012), bem como o site do projeto LaborHistórico: <<http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico/>>.

¹⁰ Missivas editadas por Janaina Pedreira Fernandes de Souza.

¹¹ Missivas editadas por Thiago Laurentino de Oliveira e Camila Duarte.

¹² Missivas editadas por Diogo Ribeiro e Bruna Alburquerque de Carvalho.

¹³ Missivas editadas por Lopes e Machado (2005).

¹⁴ Missivas da Família Penna editadas por Pereira (2012).

¹⁵ Missivas da Família Passos editadas por Souza (2012).

¹⁶ Missivas da Família Pedreira Ferraz Magalhães editadas por Rumeu (2013).

¹⁷ Missivas editadas por Silva (2012) e Souza (2012).

Para este trabalho, expõem-se em análise vinte e oito (28) missivas do Fundo Barão de Camargos confeccionadas, entre os anos de 1854 e 1954, por mãos seguramente mineiras, cf. Chaves (2006) que as editou conservadoramente. Ainda para as cartas mineiras, têm-se vinte e cinco (25) missivas trocadas entre a poetisa mineira Henriqueta Lisboa e os seus entes, tais como os pais (Maria Rita de Vilhena Lisboa e João de Almeida Lisboa), os irmãos (Abigail Lisboa, Alaíde Lisboa, João Lisboa Jr., José Carlos Lisboa, Maria de Jesus Lisboa Bacha, Waldir Lisboa), os sobrinhos (Clélia Bacha de Almeida, Marília Valladão Pires) e as primas (Lucília e Maria José de Melo). Acrescente-se ainda vinte e sete (27) epístolas de amizade trocadas entre a poetisa e alguns de seus poetas-amigos como Abgar Renualt, João Alphonsus de Guimaraens, João Alphonsus de Guimaraens Filho, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Pedro Pinto, no período de 1917 a 1989 e mais nove cartas (09) cartas do Fundo Barão de Camargos trocadas entre mineiros-amigos, cf. Chaves (2006). As missivas mineiras da Coleção Henriqueta Lisboa estão sob a guarda do Acervo dos Escritores Mineiros (AEM/FALE/UFMG). À exceção das trinta e sete (37) cartas mineiras do Fundo Barão de Camargos, também editadas conservadoramente por Chaves (2006), as demais cinquenta e duas (52) missivas foram organizadas e editadas com fac-símile e de forma diplomático-interpretativa por Rumeu¹⁸, visando especificamente aos estudos linguísticos, o que justifica a ausência de qualquer tipo de interferência (acentuação, pontuação, grafia) na expressão escrita dos missivistas.

Uma vez expostos os *corpora* que subsidiaram este trabalho (cartas familiares, de amizade e amorosas), passa-se à apresentação e à discussão dos resultados acerca das formas pronominais variantes do sujeito de 2P do discurso (*tu/você*) nas missivas cariocas e mineiras.

3. Distribuição geral dos dados de formas pronominais de referência à 2P nas cartas cariocas e mineiras

O confronto entre os gráficos 1 e 2 evidencia a produtividade variável das formas *tu* e *você* na produção escrita de mineiros e cariocas entre fins do século XIX e a 2ª metade do século XX. Apesar de a concorrência entre as formas *tu* e *você* ter se mostrado mais acirrada na produção escrita carioca, verificam-se também, na produção escrita mineira, dados da forma nominal de tratamento *vossa mercê*, em fins do século XIX, bem como a convivência entre as formas pronominais *tu* e *você* no decorrer do século XX.

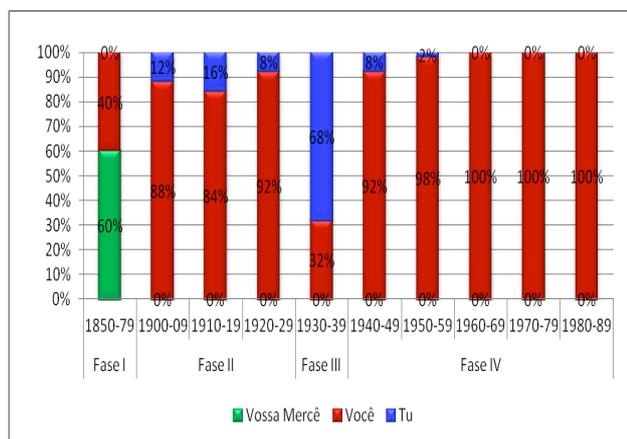


Gráfico 1. As formas *vossa mercê*, *você* e *tu* na escrita mineira: 1850-1989.

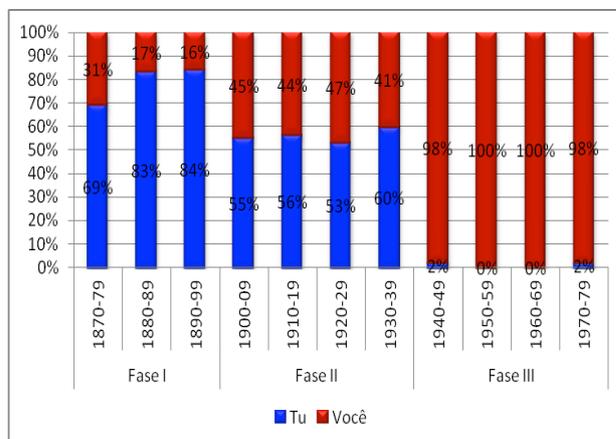


Gráfico 2. As formas *tu* e *você* na escrita carioca: 1870-1979.

Nas cartas mineiras analisadas, observa-se, com base no gráfico 1, dentre os 226 dados de estratégias de referência à 2P do discurso, a promissora trajetória de ascensão do *você* (189 ocorrências), entre a 2ª metade do século XIX (1850) e o século XX (1989), que pode ser melhor depreendida, à luz de quatro lapsos temporais (1850-79 (Fase I), 1900-29 (Fase II), 1930-39 (Fase III), 1940-89 (Fase IV)).

Entre os anos de 1850 e 1879, (fase I), observa-se a convivência do *vossa mercê* (60%) com o *você* (40%) como está ilustrado em (01) e (02).

¹⁸ Projeto "Aspectos morfosintáticos da escrita culta em cartas brasileiras", subsidiado pela FAPEMIG (FALE/UFMG), Processo Nº: APQ-01788-13, Demanda Universal. 2014-2016.

- (01) (...) Minha Tia (...) como *v.^{mce}* tem de tirar dinheiro da Caixa Economica, rogo-lhe o favor de tirar já sessenta mil reis para me emprestar (...) (RJFB. Ouro Preto, 22.05.1855.)
- (02) (...) Mana e Comadre (...) acasa que *voce* mora amiassa próxima ruina (...) he de nescicidade que *voce* saia dela para não acabar desgraçadamente debaixo de suas ruínas (...) (AR. 20.05.1855.)

Nas primeiras duas décadas do século XX (1900-1929, fase II), verifica-se a alternância entre as formas *você* e *tu*, como se observa em (03) e (04), ainda que a trajetória de ascendência do *você*, com frequências de uso de 88%, 84% e 92% em contraste com o uso de *tu* em 12%, 16% e 08%, respectivamente, pareça expor em evidência o processo de inserção do inovador *você* no paradigma pronominal do PB.

- (03) (...) balçamo de alegria por saber que *você* goze a boa saude e felicidade (...) (MEVB. Gama, 05.07.1904.)
- (04) (...) como sei que *estas* gosando boa saude (...) (AR. 10.02.1912.)

No decorrer da década de 1930, identificamos a inversão do movimento de ascensão do *você*, com 32%, já que o *tu* passa a prevalecer com 68% de produtividade nas cartas mineiras analisadas, como se verifica em (05) e (06). Como entender tal inversão na direção do processo de pronominalização do *você-sujeito*? Acredita-se que a análise das relações sociais que subjazem às produtividades das formas *tu* e *você* podem contribuir para a compreensão do fenômeno linguístico.

- (05) (...) Quero que *dês* a Ella e ao papae (...) (AL. Ibiracy, 05.09.1931.)
- (06) (...) para que *continues* com saude assim, como todos (...) (Sinhá. s.l, 18.07.1937.)

Dando continuidade à interpretação do gráfico 1, observe-se que, no período de 1940 a 1989 (fase IV), o *você* passa a predominar gradativamente, passando de 92% *versus* 08% de *tu*, entre 1940-49; a 98% *versus* 02% de *tu*, entre 1950-59; até alcançar o uso categórico entre os anos de 1960 e 1989, na produção escrita dos mineiros como já o é, de uma forma geral, na fala mineira atual, cf. Scherre *et alii* (2009). De (07) a (11), têm-se ilustrado algumas ocorrências do *você*, na produção escrita de mineiros, nas décadas de 40, 50, 60, 70 e 80 do século XX.

- (07) (...) mas *você* ... sabe da solidão em que andamos no mundo (...) (AGFF. BH, 09.04.1947.)
- (08) (...) Sinhá *voce* nao pode imaginar as saudades (...) (IJ. BH, 10.12.1950.)
- (09) (...) Coisas de que *você*, querida poetisa, tem o Segredo. (...) (MM. Roma, 23.03.1964.)
- (10) (...) De um poeta como *Você* a gente está sempre esperando o máximo. (...) (CDA. RJ, 25.01.1970.)
- (11) (...) *Você* conseguiu admiravelmente fazer da poesia uma forma de meditação (...) (CDA. RJ, 08.01.1983.)

Nas cartas cariocas, à luz do gráfico 2, observa-se, dentre os 1525 dados de formas de referência à 2P do discurso, a curva de ascensão do *você* (763 ocorrências) que pode ser melhor interpretada, no eixo do tempo, à luz de três fases temporais (1870-99 (Fase I), 1900-39 (Fase II), 1940-79 (Fase III)). Num primeiro momento, verifica-se a produtividade do *você* (31% (1870-79), 17% (1880-89) e 16% (1890-99)) que ainda resguardava traços de cortesia da forma-fonte *vossa mercê*, sendo usado não só para atenuar pedidos (12), mas também para a referência ao interlocutor em contexto de discurso reportado (13).

- (12) (...) *Você* va pedindo a mamãe que lhe ensine a ler e escrever para com o tempo sustentarmos uã grande correspondencia (...) (Carta entre o avô João Pedreira e a sua neta Leonor, 1886.)
- (13) (...) aqui se falla muito que *Você* está ganhando dinheiro como advogado, que hé muito procurado, que tens conferencias com os homens mais notaveis, qehé(?) muito consultado sobre negocios do Brasil enfim que *tens* brilhante posição, nada disto me admira (...) (Carta entre os amigos Carlos e Rui Barbosa, XIX.)

Entre os anos de 1900 e 1939, verifica-se que o *você* e o *tu* já parecem dividir os mesmos espaços funcionais, passando o inovador *você* a tomar fôlego (45% (1900-09), 44% (1910-19), 47% (1920-29) e 41% (1930-39)) de modo a intensificar o seu nível de alternância com o *tu* (55% (1900-09), 56% (1910-19), 53% (1920-29) e 60% (1930-39)) nessas três primeiras décadas do século XX. Há de se atentar para o uso do *você* já movido por uma semântica de intimidade, como é possível observar em (14), evidenciando, pois, um maior grau de integração entre os cariocas unidos por laços familiares. Como hipótese interpretativa para a neutralização semântica sofrida pelo *você*, no decorrer do século XX, tem-se, sobretudo a partir da década de 1930, a modernização, a industrialização, a expansão de novas camadas sociais e a mobilidade na estrutura de classes como importantes contextos propulsores não só da reestruturação dos papéis sociais na sociedade carioca, mas também das mudanças relacionadas ao tratamento no interior dos grupos familiares e na particularidade das relações pessoais.

- (14) (...) Pode *você* bem calcular o vasio infinito que se fez na minha vida (Washington Luís - Francisco Brandão, 1934.)

De 1940 a 1979, observa-se o uso majoritário do *você*, espraiando-se como estratégia neutra, ou seja, como uma estratégia *coringa* na referência ao sujeito de 2P que inserido está na sociedade carioca contemporânea, como está ilustrado em (15).

- (15) São três e meia da manhã de domingo acabei de chegar do samba e ao subir me entregaram sua carta que em poucas linhas disse muitas coisas bonitas coisas que *você* sabe que sinto mas que não consigo passar para o papel (RJ, 30.01.77. Família Lacerda, Carta entre os amigos Carlinhos e Marcela.)

Passa-se à observação das formas treatmentais correlacionadas aos eixos temporal e social, atentando especificamente às relações sociais simétricas e assimétricas que as subsidiaram.

4. Análise das relações de poder e solidariedade com base na variação entre as formas *vossa mercê*, *você* e *tu* correlacionadas aos eixos temporal e social

Com base na Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), os dados de *tu* e *você* foram correlacionados às relações simétricas (entre iguais) e assimétricas ascendentes (de inferior para superior) e descendentes (de superior para inferior) distribuídas, por sua vez, em relação a intervalos temporais médios de 30 anos (1850-1879, 1900-1929, 1930-1959, 1960-1989), para as cartas mineiras, e entre 30 e 40 anos (1870-1899, 1900-1939, 1940-1979), para as cartas cariocas, como é possível observar nos gráficos 3 e 4.

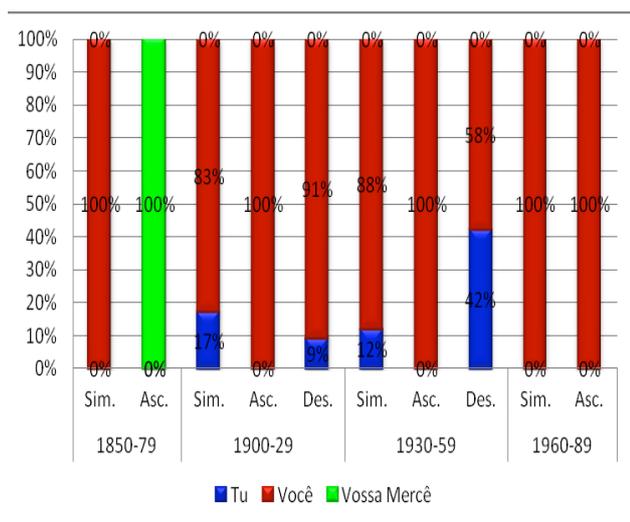


Gráfico 3. As formas *vmce*, *você* e *tu* e as relações sociais nas cartas mineiras (1850-1989).

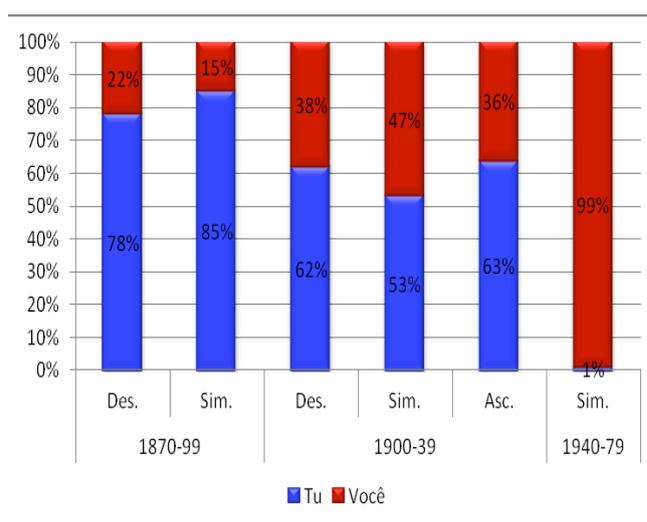


Gráfico 4. As formas *tu* e *você* e as relações sociais nas cartas cariocas (1870-1979).

De modo geral, verifica-se, à luz do gráfico 3, não só a prevalência do *você*, mas também o seu espraiamento pelos diferentes tipos de relações sociais nas missivas mineiras analisadas. Entre 1850 e 1879,

observam-se dados de *vossa mercê* e *você* dispostos pelas relações sociais assimétricas ascendentes (relações sociais de inferior para superior) e pelas relações sociais simétricas (relações sociais entre iguais), respectivamente, como é possível ilustrar de (16) a (19).

Dados de vossa mercê em relações sociais assimétricas ascendentes (de inferior para superior):

- (16) (...) Espero ser servido *vossa mercê* querendo emprestar-me (...) (RJFB. Ouro Preto, 22.05.1855. Carta de sobrinho para tia.)
 (17) (...) *vossa merce* ha de tirar os vinte mil reis (...) *vossa merce* aceite recomendações (...) (FS. Camargos, 05.07.1875. Carta de afilhado para padrinho.)
 (18) (...) *vossa merce* me conçedeo licença de boa vontade (...) (AMF. Juiz de Fora, 05.08.1874. Carta de filho para mãe.)

Dado de você em relação social simétrica (entre iguais):

- (19) (...) Mana e Comadre (...) acasa que *voce* mora amiassa próxima ruina (...) he de nescicidade que *voce* saia dela para não acabar desgraçadamente debaixo de suas ruínas (...) (AR. mineira idosa. 20.05.1855. Carta entre irmãs.)

Entre 1900 e 1929, o *você* divide o seu campo funcional com o *tu*, mantendo-se como a forma de referência ao sujeito de 2ª preferida nas missivas mineiras analisadas marcadas pelas relações simétricas, em 83% dos dados, e assimétricas descendentes (relações de superior para inferior), em 91% dos dados, conforme pode ser observado de (20) a (24). Nas missivas assinaladas por assimetria social do tipo ascendente, isto é, marcadas por relações sociais travadas de inferior para superior, observa-se, como está ilustrado em (25), o uso categórico de *você*, o que parece evidenciar um *você* já menos polido e, portanto, mais dessemantizado em relação à semântica de respeito herdada da forma nominal de tratamento que a originou (*vossa mercê*).

Dados de você em relação social simétrica (entre iguais):

- (20) (...) tenho imaginado que *voce* nao está bom (...) (FXR. São Caetano de Mariana, 26.02.1917. Carta entre irmãos.)
 (21) (...) se *voçê* me ver (...) *tu* conheces esto muito magra. (...) (MM. São Caetano, 27.04.1907. Carta entre primos.)

Dados de você em relação social assimétrica descendente (de superior para inferior):

- (22) (...) O fim desta é para *voce* ter a bondade de mandar a copia si já tirou (...) (FAS. Gama, 11.05.1911. Carta de mãe para filho).
 (23) (...) Arlindo quanto o que *você* me escreveu eu não me admiro (...) (MCR. São Caetano, 26.03.1915. Carta de mãe para filha.)
 (24) (...) Arlindo quando *você* tiver de vir cá por cauza do cartoro (...) (FAR. São Caetano, 27.02.1908. Carta de pai para filho.)

Dado de você em relação social assimétrica ascendente (de inferior para superior):

- (25) (...) dizendo-me ter sido *voce* intimado (...) (AS. Sabará. 10.07.1907. Carta de sobrinho para tio.)

No período de 1930 e 1959, ainda que o *você* tenha prevalecido, sobretudo, nas relações simétricas, em 88% dos dados, e categoricamente, nas relações assimétricas ascendentes, como se observa de (26) a (29), é possível observar um maior nível de alternância com o *tu*, em 42% dos dados, nas missivas marcadas por assimetria social do tipo descendente, como está exemplificado de (30) a (34).

Dados de de tu e de você em relações sociais simétricas (entre iguais):

- (26) (...) o quanto *voce* sofreria com a perda de maria luiza. (...) (JCL. RJ, 26.10.1948. Carta entre irmãos.)
 (27) (...) com certeza, *vaes* ficar na pensão (...) (AL. Ibiracy, 05.09.1931. Carta entre irmãs.)
 (28) (...) Desde que soube que *andavas* adoentada (...) os votos que faço para que *recuperes* quanto antes a saude (...) (HL. RJ, 06.07.1933. Carta entre irmãs.)

Dado de você em relações sociais assimétricas ascendentes (de inferior para superior):

- (29) (...) e *você*, quando nos dará o prazer de uma visita? (...) (CL. Lambari, 20.04.1950. Carta de sobrinha para tia.)

Dados de *tu* e de *you* em relações sociais assimétricas descendentes (de superior para inferior):

- (30) (...) os votos que faço a Deus para que te proteja concedendo graças e felicidades que és merecedora (...) (MRVL. BH, 15.07.1937. Carta de mãe para filha.)
- (31) (...) para que *continues* com saude assim (...) (MRVL. 18.07.1937. Carta de mãe para filha.)
- (32) (...) Sinto passar este dia longe de *vocei*, mas *terás*; ahi teu Pae manos para festejar (...) (MRVL. BH, 15.07.1937. Carta entre mãe e filha.)
- (33) (...) Espero em Deus que *voce* continue passando bem (...) (MRVL. 29.03.1939. Carta de mãe para filha.)
- (34) (...) Hontem D. Maria Rita Burnies, telefonou (...) disse todas aquelas cousas que *voce* ja esta acostumada a ouvir (...) (MRVL. 22.06.1941. Carta de mãe para filha.)

As ocorrências do *tu* foram observadas em cartas movidas por uma relação de assimetria descendente estabelecida entre mãe e filha (30-34) e por relação simétrica entre irmãs (27-28). Trata-se de dados de *tu* produzidos pela mãe¹⁹ da poetisa mineira Henriqueta Lisboa que pareceram refletir o *recato* linguístico necessário a uma referência precisa e íntima a sua filha cuja função social (professora e poetisa) lhe impõe como uma interlocutora que tem domínio da norma-padrão. Interessante é atentar ao fato de esses dados de *tu*-sujeito, circunscritos a uma relação de assimetria descendente, serem concretizados em uma carta em que o *you* figura em contexto sintático de complementação, o que evidencia a preferência da missivista por marcar a referência direta a sua filha pelo íntimo *tu*-sujeito, optando pelo *you* em função de não-sujeito, cf. (32). Nas cartas trocadas entre as irmãs Abigail Lisboa e Henriqueta Lisboa²⁰ interpretam-se os dados do íntimo *tu*, cf. (27) e (28), como expressão de uma postura linguística menos ousada, na referência a sua irmã, notoriamente reconhecida como uma informante muito letrada, mostrando-se, pois, em consonância com os preceitos da norma-padrão para a marcação do sujeito de 2P.

Em suma, o *you* parece ter se espalhado por todas as relações sociais entre familiares e entre amigos (simétricas e assimétricas) controladas nas cartas mineiras em virtude de ter passado por um “processo de abstratização do sema de cortesia”, conforme discutido por Lopes (2010, p. 291). Nesse sentido, entende-se o fato de o *you* ter sido utilizado tanto pela elite brasileira, como ter se mostrado generalizado no uso doméstico (LOPES; MACHADO, 2005). O *vossa mercê*, por outro lado, teve o seu uso restrito às cartas da 2ª metade do século XIX (1850-1879), preso aos contextos pragmáticos das relações assimétricas ascendentes de inferior para superior como uma forma nominal de tratamento que manteve a sua semântica de Poder. Ao *tu*, coube um baixo índice de produtividade alcançando maiores frequências de uso nas relações familiares de superior para inferior das cartas mineiras novecentistas: de pais para filhos e entre irmãs.

Para as cartas cariocas analisadas, verifica-se, através do gráfico 4, a prevalência do *tu*, ainda que em alternância com o *you*, desde fins do século XIX até a fins do século XX. Entre 1870 e 1899, observa-se a predominância do *tu* nas relações simétricas e assimétricas descendentes, como está ilustrado de (35) a (37), com frequências de 85% e 78%, respectivamente, restando ao *you* as baixas frequências de uso de 22% e 15%, respectivamente, nas relações sociais assimétricas descendentes e simétricas, como se observa de (38) a (41).

Dado de *tu* em relação assimétrica descendente (de superior para inferior):

- (35) Pela tua carta de 1º vejo os motivos que *tens* para não *escreveres* todos os dias o que me pareciam justos. *Escrevas* quando *puder*, ao menos uma vez por semana. (...) Dou te parabens por *teres* tido ocasião de mostrar tua applicação na aula de Dr E Lins. Nada satisfaz mais a quem estuda do que ser chamado á licção, porque assim os Mestres tem occasião de saber quanto se vale... (03.05.1898, Affonso Penna ao filho Affonsinho)

Dados de *tu* em relação social simétrica (entre iguais):

- (36) Antonico || Estimando que tudo *encontres* a teu gosto, peço-te que *desculpes* a demora devida somente ao facto de ter estado até agora ausente de Pariz o amigo a quem eu incumbira de as mandar gravar. (28.11.1882, Alberto Fiacho a Antonio Felizardo Cupertino do Amaral, amigos.)

¹⁹ Maria Rita de Vilhena Lisboa (Dona Sinhá).

²⁰ Henriqueta Lisboa, Escritora e Professora da Universidade Católica de Minas Gerais e da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais; Abigail Lisboa, irmã de Henriqueta Lisboa, interrompeu a sua atividade escolar ainda no Colégio de Sion, na cidade de Campanha (sul de MG), motivada por questões de saúde, o que a impediu de concluir um curso superior como o fizeram os demais irmãos.

- (37) Eu procuro me distribuir o mais possível para não me lembrar que *vossê* prosegue n'um impenetravel *mysterio*; que uma bella realidade appareça que *mandes* sanar a portaria (17/10/1899, Garcia a Oswaldo Cruz, amigos.)

Dados de você em relações sociais assimétricas descendentes (de superior para inferior):

- (38) Desta vez como não foi remetida ou recém mandada por mim a caixinha de encomendas que tua Mãe mandou para festejar a Rozinha tem havido demora sendo provável que a esta ora já Você tenha recebido. (JPF. RJ, 16.07.1879. Carta entre pai e filha.)
- (39) (...) Bebe me diz que voce come bem e esta engordando muito (...) (CBO. 17.02.1880. Carta de avô para neto.)

Dados de você em relação social simétrica (entre iguais):

- (40) Eu procuro me distribuir o mais possível para não me lembrar que *vossê* prosegue n'um impenetravel *mysterio*; que uma bella realidade appareça que *mandes* sanar a portaria (Carta entre os amigos Garcia e Oswaldo Cruz. 17.10.1899.)
- (41) Eu devo formar me como já disse na 2ª feira, si Deus quizer, eu só desejo não fazer figura vaiado pois o resultado tenho certeza de que não será disponível. Assim, pois, vou a festa. V. me espere. Quando digo que me espere não quero dizer que guarde jantar, porque jantarei na Barra (12.03.1886, Antonio-Elisa)

No período de 1900 e 1939, observa-se um maior nível de variação entre as formas *tu* e *você*, como está exemplificado de (42) a (47). A forma *tu* prevalece em todos os tipos de relação controlados, mesmo em contextos não esperados, como é o caso da relação assimétrica ascendente com 63%. Nesse caso, os dados se limitam a relações entre homens (filho e pai), como se vê em (42) e (43). Apesar de menos frequente, *você* apresenta seus maiores índices nas relações simétricas (47%). Os exemplos ilustram alguns desses usos.

Dados de tu em relação social assimétrica ascendente (de inferior para superior):

- (42) Querido Papae: Como *tens* passado? Hontem comecei a copiar a cabeça de Venus, não é muito difficil como pensava, mas tem uma cabelleira toda crespa e muito difficil a se fazer. (Carta de filho para pai, 11/09/1905)
- (43) Peço-te, meu Papae, que não te *esqueças* de me dar noticias de nossas flores de Petropolis e do Rio (Carta de filho para pai, 1910)

Dado de tu em relação social assimétrica descendente (de superior para inferior):

- (44) Estou um pouco indefluxado, mas é causa que não vale a pena. Ahi vai uma carta de M. Dias para *você* providenciar. Respondi-lhe que confiara esse negocio a *você* (Carta do pai Afonso Penna ao filho Affonsinho. 21.08.1905.)

Dado de tu em relação social simétrica (entre iguais):

- (45) Ernestina Vai esta só para avisar a Vocês que acabamos de chegar aqui, 6h da tarde, em boa saúde felismente, apesar do grande calor que *terás* tido, de passar alguns dias com nossos caros Paes, em Santa Fé, alegrando-os com sua companhia; e mais que todo convertendo tantas pobres almas que vivem ahi. (...) escreve Meu anjo a teu marido que por ti suspira aqui abandonado || Magalhães (1910, marido e mulher)

Dados de tu e você em relação social simétrica (entre iguais):

- (46) Quer publicar comosupplemento á 3ª edição, em pequeno livro do mesmo formato, os Conselhos, cartas etc que não se acham no texto. Se as Vozes acceitarem, não vejo nisso dificuldade, mas você é quem deve resolver. (...) Não *imaginas* como apreciei os nossos parentes de Portugal! São de uma cordialidade, de um affecto extraordinario! (FPFM. SP, 16.11.1927. Carta de irmão para irmão.)

Dados de tu e você em relações sociais de assimetria descendente (de superior para inferior):

- (47) Tenho tido noticias suas, não tenho escrito porque sei que não *tens* tempo para responder. Sinto bem *você* não ter mais calma para fazer o seu trabalho, não se alimentar bem e com socego. Agora *você* deve estar mais tranquilo e mais contente com a presença de Marieta e filhinhos (Carta da mãe Maria Guilhermina Penna ao filho Afonsinho. 23.09.1919.)

Entre os anos de 1940 e 1979, nota-se o avanço de *você* nas relações simétricas com uso quase categórico (99%), como está ilustrado em (48) e (49). Para essa fase, não foram analisadas cartas em que fossem estabelecidas relações assimétricas.

Dados de tu e você em relação social simétrica (entre iguais):

- (48) Já chegou o Padre Ceriale perguntou por *Você* Nossa Madre te manda lembranças o mesmo Irmã Maria Rosa - e Irmã Maria Agustinha, (a do gallinheiro) Quando acabaram as hostias que *Você* consagrou, não pude deixar de chorar - por ahi *Você* vê minha amizade por meu irmão. Recebe lembranças de Don Oreste Dona Augusta e do pobre quintero Don Juan. Quando visite o tumulto de nossa santa mãe não te *esqueças* de pedir pelas minhas intenções. (...) Pasei a manhã muito agradável escrevendo a *Você* parece que *estavas* aqui. (MRPFM. La Plata, 01.02.1948. Carta entre irmãos.)

Dado de você em relação social simétrica (entre iguais):

- (49) Hontem enviei-lhe, um estamento: "mas quem é burro, péde á Deus que o mate e o diabo que o carréguê". Deixe de lado a diplomacia, em nada alteraria minha amizade por você, mêmso que *você* ache alias com razão, que o "Glorioso Passado", não merece ser prefaciado por você, nada alteraria a nóssa cordialidade. (15.01.1966, Carta entre amigos, Família Brandão.)

Em síntese, foi possível acompanhar com maior precisão a partir do material disponível até agora, o espriamento gradativo de *você* nas relações simétricas: 15% na fase 1 (1870-1899), 47% na fase 2 (1900-39) e 99% na fase 3 (1940-79). Para os outros tipos de relação, principalmente as assimétricas descendentes, verificou-se, mais nitidamente nas duas primeiras fases, a perda gradativa no emprego de *tu* na produção escrita carioca.

Considerações finais

À luz da análise da dinâmica variável dos pronomes-sujeito *tu* e *você* nas cartas mineiras e cariocas confirmou-se a hipótese principal deste estudo de que o *você* tendo herdado do *vossa mercê* seu caráter indiretivo e atenuante, sobressaiu-se nas relações assimétricas ascendentes fomentadas na produção escrita não só dos mineiros, desenvolvida no decorrer do século XX, mas também dos cariocas na segunda metade do século XX. No intuito de responder às questões fomentadoras deste trabalho, encaminharam-se algumas generalizações acerca das estruturas sociais que subsidiaram as formas *tu* e *você* em sincronias passadas do PB.

(I) Em que nível de variação o *você* e o *tu* estavam na produção escrita de cariocas e mineiros dos séculos XIX e XX?

As cartas mineiras e cariocas evidenciaram realidades pretéritas distintas que muito se aproximam da atual realidade linguística em relação aos subsistemas tratamentais de referência ao sujeito de 2P. O *você* predominou, na produção escrita mineira, ao passo que, na produção escrita carioca, o nível de variação entre as formas *tu* e *você* se mostrou produtiva, ainda que o *você* tivesse alavancada a sua produtividade *pari passu* avançasse o século XX. Nesse sentido, observou-se que as epístolas mineiras e cariocas oitocentistas e novecentistas permitiram evidenciar os subsistemas tratamentais atualmente vigentes na atual sincronia do PB: Minas Gerais (*você*) e Rio de Janeiro (*você* ~ *tu*), ratificando a hipótese de que traços dos atuais subsistemas tratamentais já estariam visíveis em sincronias passadas do PB.

(II) Quais tipos de relações sociais subsidiariam a produtividade do *você* nas cartas cariocas e mineiras oitocentistas e novecentistas?

Nas cartas mineiras analisadas, as ocorrências de *vossa mercê* ficaram restritas às relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior) consubstanciadas em cartas de filho para mãe, de afilhado para padrinho e de sobrinho para tio efetivadas no decorrer da 2ª metade do século XIX. As exíguas frequências de uso de *tu* na produção escrita mineira se deixou evidenciar não só nas cartas de assimetria descendente (de mãe para filha), mas também nas epístolas movidas por relações sociais simétricas (entre irmãs e amigos), o que expõe a conservação da semântica de intimidade específico do solidário e íntimo *tu*. Considerando a ampla disseminação do *você* na produção escrita mineira tendo em vista não só as cartas de assimetria descendente (de superior para inferior), trocadas entre pai e filho, mãe e filho, sobrinho e tio, mas também as missivas orientadas pela relações sociais simétricas, trocadas entre primos, irmãos e amigos, verificou-se a sedimentação da solidariedade, sobretudo, no Brasil novecentista.

Nas cartas cariocas analisadas de fins do século XIX e do alvorecer do século XX, o uso do *tu* prevaleceu sobre o uso do *você*, sobretudo, nas relações simétricas e íntimas. Nos primeiros trinta anos do século XX,

observou-se a aceleração da alternância *tu* e *you*, ainda que o inovador tivesse se mostrado como uma estratégia de certa deferência nas missivas trocadas entre sobrinho e tia, filho e mãe. Nas relações sociais marcadas pela assimetria social do tipo descendente (de superior para inferior), o *tu* se mostrou mais produtivo nas epístolas trocadas entre tias e mães, respectivamente, aos seus sobrinhos e filhos. Ao longo do século XX, o *you* espalhou-se pelos distintos tipos de relações sociais, difundindo-se, pois, como uma legítima estratégia polifuncional.

Em suma, o *you*, no Brasil oitocentista, ainda conservava uma relativa formalidade, resguardada da sua origem nominal *vossa mercê*, que foi se perdendo gradativamente para a expressão atual da semântica da Solidariedade.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Afranio Gonçalves. Tratamento dos corpora de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *A Norma Brasileira em construção: fatos linguísticos do século 19*. Rio de Janeiro: UFRJ, FAPERJ, 2005. p. 25-43.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-449.
- CINTRA, Luis. F. Lindley. *Sobre "Formas de Tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte/ Coleção Horizonte 18, 1972.
- CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- CHAVES, Elaine. *Implementação do Pronome Você: a contribuição de pistas gráficas*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa - instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2014 [2006].
- HERNÁNDEZ-CAMPOY Juan Manuel; SCHILLING, Natalie. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2014 [2006]. p. 63-79.
- HOPPER, Paul John. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Company, Volume I, 1991. p. 17-35.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Volume 1: Internal Factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.
- LOBO, Tânia Conceição Freire. *Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil. Edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; SOUZA, Janaína Pedreira Ferreira de. Formas tratamentais em cartas do Rio de Janeiro (1870 a 1979). Comunicação apresentada no *I Simpósio do LaborHistórico: História dos pronomes de tratamento no português brasileiro*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; CAVALCANTE, Sílvia Regina de Oliveira. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de *you*-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística*. Vol. 25, p. 30-65, 2011.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. A persistência e a decategorização nos processos de gramaticalização.
- VITRAL, L.; COELHO, S. (Orgs.) *Estudos de Processos de Gramaticalização: metodologias e aplicações*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010. p. 275-314.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; MACHADO, Ana Carolina Morito. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, Célia Regina dos Santos. (Org.) *A Norma Brasileira em Construção*. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, FAPERJ, 2005. p. 45-66.
- LUCCHESI, Dante. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. (Eds.), *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM, 1998. p. 73-99.

- MACHADO, Ana Carolina Morito. *As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- MENON, Odete Pereira da Silva. A história de *você*. GUEDES, Marymarcia; BERLINCK, Rosane de Andrade; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP / São Paulo: Cultura Acadêmica Editorial, 2006. p. 99-160.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- MOTA, Maria Alice. *A variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da Ponte (MG)*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- PERES, Edenize Ponso. *O uso do você, ocê, cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- PEREIRA, Rachel de Oliveira. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. New York: Cambridge University Press, 1985 [2010].
- ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *Golvdvarb 2001*. A multivariate analysis application for Windows. York: 2001. Disponível em: <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/golvdvarb/manual/manualOct2001.html>>. Acesso em: 03 out. 2001.
- RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Língua e sociedade: a história do pronome 'Você' no português brasileiro*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.
- RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Vestígios da pronominalização de Vossa Mercê > Você em missivas cariocas e mineiras: uma incursão pelo português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX. *Revista Veredas (UFJF)*, v. 16, nº 2, p. 36-55, 2012.
- SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, U. et al. (Eds.) *Sociolinguistics – An International Handbook of the Science of Language and Society*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988, p. 984-998.
- SILVA, Érica Nascimento. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- SOTO, Ucy. *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói: Ed. da UFF, 2007.
- SOUZA, Janaína Pedreira Ferreira de. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. *Tabuleiro de Letras*, 4, p. 01-32, 2012.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; LUCCA, Nívia Naves Garcia; DIAS, Edilene Patrícia Andrade; QUEIROZ, Carolina; MARTINS Germano Ferreira. Usos dos pronomes “você” e “tu” no português brasileiro. Comunicação apresentada no II SIMELP, Universidade de Évora, 2009.
- VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas Vianna. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- WARDHAUGH, R. Solidarity and politeness. In: _____. *An introduction to Sociolinguistics*. 3ª ed. Oxford: Blackwell textbooks in linguistics, 1997. p. 255–279.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, [1968] 2006.